

A LIBERDADE EM SARTRE: UNIDADE ENTRE PROJETO E ENGAJAMENTO

*Josiane de Fátima Wambier*¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir a liberdade em Sartre, tendo como base os textos: **O existencialismo é um humanismo** (1945) e **Questão de método**, a célebre introdução de **Crítica da razão dialética** (1960). A liberdade em Sartre é um tema filosófico e literário. No início do processo de sua trajetória intelectual, ela é encerrada dentro do *cogito* cartesiano: “penso, logo existo”. Apesar de ser concebida como uma pura subjetividade, ela também é entendida como **projeto** que se realiza na ação através do **engajamento** do homem no mundo. Posteriormente, ela é remetida para o plano histórico e relacionada com a necessidade no interior de uma tensão dialética entre objetividade e subjetividade. Mesmo nesta fase, o núcleo central do conceito sartreano de liberdade é conservado: a **unidade** entre **projeto** e **engajamento**.

PALAVRAS-CHAVE

Liberdade, existencialismo

Imagine que não exista nenhum paraíso,
É fácil se você tentar.
Nenhum inferno abaixo de nós,
Sobre nós apenas o firmamento.
Imagine todas as pessoas
Vivendo pelo hoje...

¹ Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestre em Serviço Social pela PUC/SP.

Imagine que não exista nenhum país,
Não é difícil de fazer.
Nada porque matar ou porque morrer,
Nenhuma religião também.
Imagine todas as pessoas
Vivendo a vida em paz....

Imagine nenhuma propriedade,
Eu me pergunto se você consegue.
Nenhuma necessidade de ganância ou fome,
Uma fraternidade de homens.
Imagine todas as pessoas
Compartilhando o mundo todo.

Você talvez diga que sou um sonhador,
Mas eu não sou o único.
Eu espero que algum dia você se junte a nós,
E o mundo viverá como um único.

John Lennon

Introdução

Segundo Luckács “A história do pensamento humano nos ensina, com efeito, que toda filosofia leva a marca profunda de sua época, na sua metodologia, em toda a sua estrutura e até nas condições que lhe permitem constituir-se”(1967, p. 101).

Dentro desta lógica de raciocínio, o existencialismo, que iniciou o seu desenvolvimento enquanto corrente filosófica no final do século XIX e que marcou profundamente o Mundo Ocidental na primeira metade do século XX, traz as marcas destes períodos históricos: o **grito de desespero e de angústia do homem oprimido** pelo modelo de desenvolvimento econômico-político e social burguês, que tinha como promessa a liberdade, a igualdade e a fraternidade entre todos e para todos os homens.

O existencialismo ainda refletirá no plano do pensamento o caos que o mundo experimentou com as duas Grandes Guerras Mundiais, tanto nos períodos pré, durante, entre e pós-guerras, portanto, de

ascensão e queda do nazi-facismo e de divisão do mundo nos blocos capitalista e socialista.

O objeto do existencialismo é o vivido ou o tempo presente do homem sem fé, inseguro, sem meta fixa na vida, sem esperanças nas instituições capitalistas e socialistas, sem uma verdade absoluta; enfim, um homem que viu “**tudo o que era sólido se desmanchar no ar**”².

Em períodos de crise é difícil entender para onde o mundo caminha, daí a necessidade do homem voltar-se para o seu mundo interior e de privilegiar a **intuição** em detrimento da **razão** como forma de conhecimento do mundo e das coisas. O **niilismo** que acompanha estes momentos, nasce do caráter transitório da existência social e individual. O homem sente-se um nada, vazio, privado de saídas, perdido na beira de um abismo; sente-se isolado, vivendo só para si, egocentricamente, num mundo empobrecido e que lhe é estranho; um mundo que acaba se reduzindo a um mundo de coisas. Isto nada mais é do que o reflexo subjetivo das relações objetivas: perda de contato com a vida pública, reificação do processo de trabalho, desligamento do indivíduo da vida social, que põem tanto a **fuga para a interioridade** como o **engajamento** enquanto possibilidades históricas para a escolha dos homens.

Segundo, José Carlos Bruni, tradutor para o português do texto **Existencialismo ou marxismo?** de Luckács, o existencialismo francês, por ter demonstrado uma preocupação maior com os problemas políticos e sociais de sua época, desenvolveu-se de forma diferente que o existencialismo alemão, que é antes de tudo “puro subjetivismo, isolamento, distante de qualquer compromisso com a história e a sociedade”(BRUNI in LUKÁCS, 1967, p.11).

Podemos afirmar que o existencialismo alemão escolheu a **fuga para a interioridade** enquanto o existencialismo francês escolheu o **engajamento**.

Sartre é o grande representante do existencialismo francês.

O processo de construção do pensamento sartreano, em ter-

² Para melhor compreender as inquietações do homem moderno, ler: **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade** de Marshall Berman, publicado pela Companhia das Letras e **O homem a procura de si mesmo** de May Hollo, publicado pela Editora Vozes.

mos filosóficos, pode ser dividido em dois grandes momentos.

O primeiro momento representa um debate com autores filosóficos e literários do Mundo Ocidental, tais como: Husserl, Freud, Descartes, Hegel, Heidegger, Kant, Spinoza, Flaubert, Dostoiévski, Kafka, Joyce, entre outros. Os textos filosóficos mais importantes deste período são: **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica** (1943) e **O Existencialismo é um humanismo** (1945).³

O segundo momento é representado por **Crítica da razão dialética** que é uma discussão com Freud, com autores existencialistas e, principalmente, com o marxismo e com Marx.

Em todo o seu processo encontramos um conceito de homem que só se realiza mediante a **liberdade**.

1. Primeira fase: a liberdade como fatalidade

Segundo Sartre o homem está só no mundo e está condenado a escolher ou usar a sua liberdade mesmo que não queira.

Nesta fase ele afirma, que o primeiro princípio do existencialismo, é de que o homem existe, encontra-se a si mesmo e só depois se define: no início o homem é **nada**; o homem só **será** aquilo que ele escolher **ser**.

Sartre reafirma, assim, o *cogito* cartesiano: “penso, logo existo... é a verdade absoluta da consciência que aprende-se a si mesma”(SARTRE, 1988, p. 15).

O homem, para ele, é o único ser em que a existência precede a essência, ou seja, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito. O homem está só, porque não há nada fora dele ou nele próprio para se agarrar: nem mesmo Deus pode escolher por ele, porque, fora da consciência do homem, Ele não existe.

O homem só cria-se a si mesmo através de seu pensamento, através de suas escolhas: “Escolhendo-me escolho o homem”(SARTRE,

³ É um texto curto e trata-se de uma palestra proferida em 1945 na cidade de Paris.

1988, p. 7), isto é, através de minhas escolhas, eu não escolho só a mim mesmo, mas, escolho a humanidade. Através de minhas escolhas eu escolho como deve **ser** o homem, como deve ser a humanidade e, por este motivo, eu me uno a todos os homens.

Assim sendo, não há saída, não há fuga da liberdade. Ela aparece como uma **fatalidade**: “Não há desculpas...Não existe determinismos, o homem é **livre**...o homem é **liberdade**”(SARTRE, 1988, p. 9).

Para compreendermos este peso dado à liberdade, devemos nós lembrar do contexto em que viveu Sartre. Ele foi um militante da Resistência Francesa contra o nazi-facismo. Ele foi, também, um árduo crítico da sociedade burguesa, apesar de suas grandes discordâncias com alguns pensadores marxistas e com o Partido Comunista Francês, que inclusive o expulsou, decorrente de sua posição contra a política determinada por Moscou (Ex.: invasão da Hungria). Com isto quero dizer que **Sartre** foi um **homem engajado** em seu tempo e em seu espaço. Ele esteve ao lado dos estudantes e dos operários franceses nas manifestações de 1968 (episódio histórico que ficou conhecido como Primavera em Paris). E é esta posição que ele sempre cobrou dos outros homens que o cercavam. Para ele: “O **quietismo** é a atitude daqueles que dizem: os outros podem fazer o que eu não posso...a realidade não existe a não ser na ação...a realidade é o que conta: os sonhos, as esperanças, as esperas, só permitem que o homem se defina como sonho malgrado”(SARTRE, 1988, p. 12 a 14).

Apesar de defender o **engajamento** em termos de ação no mundo concreto e objetivo, o Sartre anterior à **Crítica da razão dialética**, afirma que a existência do homem se encontra ameaçada pelo **Saber Universal ou pela Razão Objetiva**.⁴ A grosso modo, a Razão Objetiva ou Saber Universal se refere a uma posição epistemológica que acredita que a essência do mundo histórico-social está fora da consciência. Este “espaço ou lugar” foi chamado por Hegel de Razão Objetiva, que seria o princípio e o fim de tudo em termos de conhecimento. A consci-

⁴ Para compreender as discussões em torno da Razão Objetiva, ler: **Razão e revolução** de Hebert Marcuse, publicado pela Paz e Terra e **Enciclopédia das ciências filosóficas em epitome**, Vol. I, do próprio Hegel, publicado pela Editora Edições 70 de Lisboa, que traz uma versão simplificada da primeira parte da **Ciência da Lógica**. Hegel escreveu a **Enciclopédia** para poder ensinar a seus alunos a sua doutrina do Ser, uma vez que, os mesmos não conseguiam ler a **Ciência da lógica**, obra de leitura extremamente difícil.

ência só se realiza enquanto tal, quando procura se apropriar da verdade contida no Saber Universal. Este processo foi chamado por Hegel de desalienação do homem. A história só se realiza para ele, através da desalienação ou do encontro do homem com a Razão Objetiva. Nesta concepção a **história é razão**.

O ponto de partida do pensar filosófico existencialista é diferente e oposto ao princípio hegeliano. Ele é representado pela **consciência intencional ou transcendental**. A **consciência intencional ou transcendental** rompe com o mundo objetivo, ou melhor, com a Razão Objetiva, e afirma, a **intuição** como a única forma válida de conhecimento. Para o existencialista, o mundo objetivo não possui **essência**: a essência não está na existência, mas, no **projeto** que é definido pela **consciência intencional**. Para Sartre, só **o projeto é essência**.

A **consciência intencional** é, para Husserl, um nível de consciência no qual se chega através da **redução fenomenológica**. A redução fenomenológica significa colocar todas as características do mundo que conhecemos, *a priori*, entre parênteses - as normas, as convenções, as regras de conduta que nós foram impostas -, até que a consciência chegue a um estado de **ser apenas consciência de ser consciência**.

Enquanto para Husserl tal processo corresponde a chegar a essência das coisas, para SARTRE (1943), corresponde a **nadificação da consciência**, ou seja, um estágio de **transcendência** ou de negação do mundo até então conhecido e de suas imposições. Só a partir deste momento é que o homem pode se lançar para a construção do seu **projeto** de homem e de mundo.

No entanto, para se chegar a **nadificação da consciência** (que é um processo individual), o homem sofre, se angustia, se desespera, se sente desamparado. E quando chega nela, ele sente-se num estado de **náusea**: ele olha as coisas a sua volta e tudo parece não ter mais sentido; tudo é gratuito; só existe um vazio interior.

A **náusea** é tratada filosoficamente no **O Ser e o Nada** e literariamente no romance **A náusea**. Ou o homem se lança para a construção do **projeto** para dar significado as coisas ou ele se suicida. Este é o drama de Antoine Roquentin, a personagem principal do romance **A náusea**.

E o **projeto é liberdade (por-si); é autenticidade**. O contrá-

rio é suicídio; é **quietismo**; é redução do homem a condição de **em-si** (reduzir-se ao nível de coisa ou de pedra, escolhendo que outro escolha por ele); é má-fé (escolher algo diferente e bom para ele do que ele escolhe como sendo o bom para o restante da humanidade).

Eis aqui a **fatalidade** da liberdade: até quando o homem deixa de escolher, ele está escolhendo, não escolher.

2. Segunda fase: a liberdade enquanto práxis

Apesar de Sartre afirmar que, primeiramente, o homem se descobre como um ser só, ele combate a idéia de o homem se entregar à solidão. Segundo ele é preciso ter coragem e olhar de frente a realidade humana que é de interdependência de destinos; que não é no puro saber que o homem se descobre, mas, no caminho, na cidade, no meio da multidão; enfim, no meio de outros homens.

Em **Questão de Método**, Sartre, faz uma série de críticas aos marxistas (as quais não são objeto deste trabalho) e afirma que é necessário salvar Marx dos marxistas.⁵

O que nós importa ressaltar, é que nesta fase, ele incorpora categorias marxianas importantes, tais como: trabalho, práxis, alienação, reificação, feitichismo e razão dialética e, afirma, que tais categorias reenviam ao existencialismo.

O marxismo [stalinista e estruturalista-positivista] expulsou para a esfera do acaso todas as determinações concretas da vida humana, conservando-lhe a sua essência abstrata da universalidade. O resultado é que perdeu o sentido do que é o homem. Ele tem apenas para preencher suas lacunas, a absurda psicologia pavloviana. Contra a idealização da filosofia e a desumanização do homem, afirmamos que a parte do acaso pode e deve ser reduzida ao mínimo....O que os marxistas

⁵ Ele se remete explicitamente a Iosif Stalin, a I. Pavlov e a Louis Althusser. Para Sartre estes homens, que se diziam marxistas, traíram Marx naquilo que era o âmago central de seu pensamento: a realização da liberdade humana. Em troca eles reduziram o homem a condição de coisa e reduziram a categoria diversidade à condição de identidade. Abertamente, em relação aos marxistas contemporâneos, ele defende o pensador francês Henri Lefevre.

contemporâneos esqueceram é que o homem alienado, mistificado, reificado não deixa de ser homem. Quando Marx fala de reificação, não pretende mostrar que nos transformamos em coisas, mas que somos condenados a viver humanamente a condição de coisas materiais (SARTRE, 1979, p. 71 e 88).

A incorporação de tais categorias redirecionaram o seu conceito de **liberdade**, não mais como uma fatalidade, mas como uma **possibilidade**.

Sartre, nesta fase, apresenta um novo conceito de homem. Agora o homem não é mais resultado de sua pura subjetividade, mas ele é, produto do seu trabalho ou do espaço que ocupa na sociedade

É pois perfeitamente exato que o homem é produto de seu produto. As estruturas de uma sociedade que se criou pelo trabalho humano definem para cada um, uma situação objetiva de partida: a verdade de um homem é a natureza de seu trabalho e é o seu salário(SARTRE, 1979, p. 79).

Numa sociedade onde tudo se compra, as possibilidades de cultura são praticamente eliminadas para os trabalhadores, quando a alimentação absorve 50% ou mais de seu orçamento. É realizando uma **possibilidade (campo de possíveis)** entre todas, que o indivíduo se objetiva e contribui para fazer a história (cf. SARTRE, 1979, p. 80).

A **possibilidade** é, para ele, algo duplamente determinado: em primeiro lugar é aquilo que falta e aquilo que revela a realidade por esta ausência e, em segundo lugar, representa o futuro real que mantém e transforma a coletividade. E o possível mais individual nada mais é do que a interiorização e o enriquecimento de um possível social. (cf. SARTRE, 1979, p. 80).

E aí temos a **dialética do objetivo e do subjetivo**, que é a **necessidade da interiorização do exterior e da exteriorização do interior**. Para ele, a **práxis** é esta passagem do objetivo ao objetivo pela interiorização. O **projeto** é uma superação subjetiva da objetividade em direção a objetividade; uma tensão entre condições objetivas do meio e as estruturas objetivas do campo de possíveis; a unidade da subjetividade e da objetividade (cf. SARTRE, 1979, 82).

Para Sartre, a diminuição do poder aquisitivo dos trabalhadores, se não fosse sentida na carne, sob a forma de carência ou de medo fundado em cruéis experiências, não provocaria uma ação objetiva. Assim, o projeto é escolha, é construção do ser, mas a partir das **condi-**

ções objetivas existentes.

Aqui nesta fase, o ser não se constrói a partir do processo de nadiificação do ser, a partir do puro **nada**. O **ser** que pode vir a ser é negação do ser, mas, do **ser** que é através da **práxis**.

As questões postas acima demonstram uma incompatibilidade entre esta sua nova forma de pensar e a **irracionalidade** do existencialismo, que nega a **razão** como fonte do conhecimento.

O Sartre desta fase reivindica uma **nova razão**: a **razão dialética**.

O objetivo de minha pesquisa será, pois, o de estabelecer se a Razão Positiva das Ciências Naturais, é bem aquela que reencontramos no desenvolvimento da antropologia ou se o conhecimento e a compreensão do homem pelo homem implica numa nova Razão, isto é, numa nova relação entre o pensamento e seu objeto. Em outras palavras, há uma Razão Dialética?(SARTRE, 1979. p. 7)

Ele nos conduz a Kierkegaard, para tentar mostrar porque teria ocorrido uma oposição do existencialismo ao Saber Universal ou a Razão Objetiva. Kierkegaard, para ele, reivindica a pura subjetividade singular contra a universalidade objetiva da essência, porque a questão da existência de Deus não pode ser objeto de um saber objetivo, mas sim, de uma fé subjetiva. Ele define a existência como sendo a interioridade que pretende afirmar-se contra toda a filosofia racional. Trata-se da subjetividade reencontrada para além da linguagem como uma aventura pessoal de cada um diante dos outros e de Deus.

Para Sartre o autor acima citado, tem razão ao colocar que a dor, a necessidade, a paixão, o sofrimento dos homens são realidades

⁶ A esta altura do texto é interessante fazer a seguinte colocação: embora Hegel nunca tenha dito ou escrito que a Razão Objetiva ou Saber Universal ou Espírito Absoluto corresponde a Deus, os filósofos e os teólogos, faziam e fazem esta aproximação embora afirmem que não há elementos nos textos hegelianos para se comprovar tal vinculação. O que Hegel afirma em seu sistema, é que a Razão Objetiva, é a única realidade. Ela é um sistema em constante processo circular de alienação e desalienação. A natureza e o homem são formas auto-alienadas da Razão Objetiva. O homem é um ser natural (portanto, alienado de si), mas também é, um ser histórico. Isto significa, para Hegel, que ele é capaz de conseguir conhecimentos adequados da Razão Objetiva, ou seja, ele é capaz de conhecer a natureza e a si mesmo, tornando-se neste processo, um ser desalienado (MARCUSE, 1988, p. 17 a 207). Reafirmando, novamente: o caráter da Razão Objetiva é o de ser anterior a existência do homem e de existir fora dele, contendo em si, a essência do próprio homem e da natureza. É este princípio que os existencialistas não aceitam: pois para eles, não há essência fora da consciência do homem .

brutas que não podem ser superadas, nem modificadas pelo Saber. Não são as idéias que modificam os homens. Não basta conhecer uma paixão pela sua causa para suprimi-la; é preciso vivê-la, opor-lhe outras paixões, combatê-la com tenacidade; enfim, trabalhar-se (cf. SARTRE, 1979, p. 15 e 16).

Ora, a supressão ou negação é um processo **prático** e não meramente espiritual, mas isto não nos autoriza a afirmar que o homem escapa ao saber na medida que é um ser que sofre e padece. A **vida vivida** pode e **deve ser objeto do saber**, embora, **o saber em si não signifique superação**.

Todo processo de alienação pode ser superado na prática, contudo, é condição para isto, que o homem se veja a si mesmo, no mundo criado por ele. Sartre se pergunta, como conhecer isto sem a ajuda da **razão**?

Ele afirma que o seu existencialismo não se desenvolveu para fugir do movimento real da práxis em direção a uma subjetividade abstrata, assim, como o fez, por exemplo, Karl Jaspers. Ele também defende que Kierkegaard, no fundo, não fez uma recusa da práxis, mas sim, uma recusa do Saber Universal ou da Razão Objetiva de Hegel (cf. SARTRE, 1979, p. 15 a 17).

A tese de Sartre parece-me ser a seguinte: inicialmente havia uma impossibilidade de integração entre existencialismo e Saber Universal, uma vez que o primeiro, dentro dos conceitos de Kierkegaard, diz respeito a uma singularidade irracional, pois a fé em Deus, só pode ser vivida concretamente pelo indivíduo e não explicada, enquanto que o Saber, diz respeito a um conhecimento idealista e universal. Daí a oposição de Kierkegaard a Hegel. O marxismo, por outro lado, nascido da luta social, devia inicialmente assumir o seu papel de teoria iluminadora da práxis social e política, mas acabou originando uma “falha profunda” no interior do marxismo contemporâneo. Esta “falha” consiste no reconhecimento de que termos utilizados por tal corrente de pensamento, como alienação, reificação, mistificação, recolocam a questão do homem singular. Assim, para Sartre, o papel histórico do existencialismo, é o de “reintroduzir a insuperável singularidade da aventura humana”, no saber, na universalidade dos conceitos, mas não no sistema de Hegel, e sim, na universalidade ou totalidade contraditória pensada por Marx, enquanto um processo aberto e sempre em porvir.

Diante da problemática relação entre saber e vivido, Sartre encontra em Marx, uma resposta. Afirma ele, que na atual fase da história em que as forças produtivas⁷ entraram em conflito com as relações de produção e o seu labor fatigante aparece ao homem como uma força inimiga, a alienação que surge como resultado deste conflito, trata-se de uma realidade histórica concreta e que não pode ser reduzida a uma simples idéia. Para que os homens se libertem de sua alienação e para que o trabalho se torne a objetivação de si mesmos, não é suficiente “que a consciência se pense a si mesma”; é necessário, o trabalho material e a práxis revolucionária:

Quando Marx escreve ‘da mesma maneira que não se julga um indivíduo a partir da idéia que ele faz de si mesmo, não se pode julgar uma época de convulsão revolucionária a partir de sua consciência de si’, ele marca a prioridade da ação (trabalho e práxis social) sobre o saber, assim como sua heterogenidade. Afirma, ele também, que o fato humano é irreduzível ao conhecimento, que ele deve ser vivido e ser reproduzido, apenas não vai confundi-lo com a subjetividade vazia de uma pequena burguesia puritana e mistificada: dele faz o seu tema imediato da totalização filosófica e é o homem concreto que ele coloca no centro de suas pesquisas, este homem que se define simultaneamente pelas suas necessidades, pelas condições materiais de sua existência e pela natureza do seu trabalho, isto é, de sua luta contra as coisas e contra os homens (SARTRE, 1979, p. 17).

⁷ Nos modos de produção, historicamente, sempre as forças produtivas e as relações de produção estiveram em contradição. Tal contradição, segundo Marx, explica a história como uma sucessão de diferentes modos de produção, visto que ela, leva ao colapso um modo de produção e a sua substituição por outro. A relação entre forças produtivas e relações de produção está presente no conjunto dos processos da sociedade (político, jurídico, ético, religioso, artístico, científico, etc.) e não apenas no processo econômico. “O desenvolvimento das forças produtivas compreende, portanto, fenômenos históricos como o desenvolvimento da maquinaria e outras modificações do processo de trabalho, a descoberta e exploração de novas fontes de energia e a educação do proletariado... Alguns autores encaram a própria ciência como uma força produtiva (e não apenas as transformações dos meios de produção que dele resultam) ” (HARRIS in BOTTOMORE, 1988, p. 157). Exemplos de contradições neste sentido, presentes no capitalismo: 1) o desenvolvimento de suas forças produtivas (tecnologia, ciência) permitem resolver o problema da produção de alimentos e de medicamentos para todos os homens, mas, as suas relações de produção e divisão social do trabalho, impedem a socialização da produção via consumo; 2) o avanço das forças produtivas diminuíram consideravelmente o tempo socialmente necessário à produção, só que isto, ao invés de se tornar um benefício para os homens (diminuição do tempo de trabalho necessário e aumento de seu tempo livre), tornou-se dispensa do trabalho (desemprego estrutural); 3) o ordenamento ético e jurídico burguês defendem a liberdade, a igualdade e a equidade para e entre todos os homens, só que na prática, os diversos direitos não se efetivam desta forma.

Assim, o **ser** não é pura idéia: ele é **práxis**, ele é **realidade concreta** e não apenas **realidade pensada**.

Para SARTRE (1979, 140): “A práxis é inconcebível sem a carência, a transcendência e o projeto”.

Considerações finais

Vemos e vivemos num mundo, cujo sistema produtivo escapou ao controle dos homens; onde estes cada vez mais, ao invés de serem liberados do trabalho para desenvolverem suas potencialidades e enriquecerem sua personalidade, no gozo de um tempo livre alcançado como recompensa dos avanços no mundo do trabalho, são dele liberados para o desemprego, para a fome, para a insegurança.

Vivemos num mundo que se automatiza, onde cresce o número de sem-terras, sem-tetos, depressivos, de hipertensos, de pessoas com ansiedade.

A violência urbana aumenta cada vez mais e com ela o medo de circular pelas ruas. Os muros das casas aumentam, enchem-se de cacos de vidro ou de flechas e as portas e janelas se revestem de grades. Dentro das casas-prisões, a angústia e a solidão aumentam. Os homens sentem-se perdidos, vazios, estranhos ao mundo.

O fundamentalismo cresce. O racismo contra imigrantes aumenta na Europa e nos EUA.

O número de crianças abandonadas cresce nas ruas. O meio-ambiente pede socorro. A diferença entre ricos e pobres aumenta cada vez mais. A possibilidade de guerras decorrente de intolerâncias políticas, religiosas é um fantasma que assola o mundo, apesar, da experiência de duas guerras mundiais.

Cresce o medo e a incerteza em relação ao futuro da humanidade.

A possibilidade de o mundo ser um mundo de paz, onde todos os homens, além de um mínimo de conforto, possam viver juntos e com dignidade, parece está cada vez mais longe e a linda música **Image** de John Lennon, parece um sonho cada vez mais distante.

Diante deste quadro, cresce o sentimento de impotência dian-

te do mundo em crise; **mas é preciso, continuar a viver** e para tal, encontrar e ter razões para viver, ou seja, é preciso encontrar e ter um **sentido para a vida**.

Penso que o que Sartre nós convida a pensar é justamente isto: a **liberdade** não é uma idéia mas uma **realidade concreta** que se efetiva através da **práxis coletiva** ou de um **projeto coletivo**.

Mas, a **práxis coletiva** depende da **práxis individual**, ou seja, do **engajamento**. Para que haja práxis individual, o indivíduo precisa querer, desejar, trabalhar e agir. Ele precisa ter **paixão pelo homem e pela humanidade**.

A lição que tiramos de Sartre para os nossos dias é a seguinte: ou escolhemos o **quietismo** e a indiferença perante as questões levantadas acima ou escolhemos um **novo projeto** de **ser** de sociedade, dentro de um **campo de possíveis** e passamos a dar um **sentido** para nossas **vidas: fazendo história**.

A **contemporaneidade** do pensamento de Jean Paul Sartre reside em seu caráter **anti-niilista**. Para ele, apesar de tudo é preciso **continuar** e para continuar a **liberdade é fundamental**.

ABSTRACT

This study aims at reflecting freedom according to Sartre, based on the texts: **Existentialism is a humanism** (1945) and **The search for method**, the celebrated introduction of **The critique of dialectical reason** (1960). Freedom according Sartre is a philosophical and literary theme. At the beginning of the process of his intellectual path, it is limited inside the Cartesian cogito: "I think, therefore I am". Although it is conceived as a pure subjectivity, it is also understood as a **project** accomplished in the action through the **engagement** of the man in the world. Afterwards, it is sent to the historical plan and related with the necessity in the interior of a dialectic tension between objectivity and subjectivity. Even in such stage, the central point of Sartre's concept of freedom is preserved: the **unity** between **project** and **engagement**.

KEYWORDS

Freedom, existentialism

REFERÊNCIAS

- BOTTOMORE, Tom (org.) **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- LUKÁCS, Georg. **Existencialismo ou marxismo?** São Paulo, Editora Senzala Ltda., 1967.
- MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução**. 4 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SARTRE, Jean Paul. **A náusea**. 7 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d.
- _____. "O existencialismo é um humanismo" in **Os pensadores – Sartre**. São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- _____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- _____. **Questão de método**. 4 ed. São Paulo, Difel, 1979.